

# MÍDIA, TECNOLOGIA E QUESTÕES RACIAIS: ENCRUZILHADAS ENTRE PERVERSIDADES, FABULAÇÕES E POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO DE VIOLÊNCIAS INTERSECCIONAIS

MEDIA, TECHNOLOGY AND RACE ISSUES: CROSSROADS BETWEEN  
PERVERSITIES, FABULATIONS AND POSSIBILITIES OF OVERCOMING  
INTERSECTIONAL VIOLENCES

Alan Tomaz de Andrade

Doutorando em Mídia e Tecnologia pela FAAC-Unesp Bauru e pesquisador do Neocriativa  
(Unesp Bauru); alan.tomaz@unesp.br

**Resumo:** Os campos midiáticos e tecnológicos não estão isentos de reproduzir racismo, preconceito e discriminação contra população negra brasileira. Frutos da operacionalização técnica humana, que está dotada de ideologias, essas ferramentas ainda hoje continuam reproduzindo uma série de violências interseccionais. Na contramão deste cenário de perversidades, temos a organização da população negra como quebra dessas barreiras, que nesta produção, serão analisadas por meio das categorias de análise da realidade concreta de Milton Santos de perversidade, fabulação e possibilidade, com o objetivo de identificar quais são os caminhos possíveis para serem trilhados no campo da superação das desigualdades.

**Palavras-chave:** História, Mídia, Relações raciais, Tecnologia.

**Abstract:** The media and technological fields are not exempt from reproducing racism, prejudice and discrimination against the Brazilian black population. Fruits of human technical operationalization, which is endowed with ideologies, these tools still continue to reproduce a series of intersectional violence. Against this scenario of perversity, we have the organization of the black population to break these barriers, in this sense, this social phenomenon is observed through Milton Santos' categories of analysis of the concrete reality of perversity, fabulation and possibility, to identify which are possible paths to be followed.

**Key-words:** Media, Race relations, Story, Technology.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo busca aprofundar as discussões sobre a inferência de violências contra a população negra no ambiente midiático e tecnológico e quais são as ferramentas utilizadas por esses sujeitos para superação do problema. Vale destacar, que as reflexões encontradas neste artigo, tem como fundamentação, o aprofundamento de dois anos de

dedicação à escrita da dissertação de mestrado intitulada “Bixa preta: das narrativas de violência do estado às redes de enfrentamento ao genocídio de homens negros gays”, que foi entregue ao Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista: Júlio de Mesquita Filho, campus Bauru no ano de 2021.

No processo de fundamentação teórica e ruptura epistemológica do estudo, foi possível constatar que a condição histórica do Brasil, por ter sofrido com a colonização e escravização de corpos de negros africanos e povos nativos, foi responsável pela estruturação de um Estado racista, patriarcal e supremacista branco, que contribuiu diretamente para subalternização dessas populações em nível institucional assim como para os demais setores sociais de sua superestrutura.

A mídia e a tecnologia não estão isentas de reproduzir as violências interseccionais para o grupo pesquisado, isso por que por trás dos aparatos tecnológicos, estamos tratando de relações intermediadas por seres humanos. Neste sentido, para operacionalização técnica deste estudo, foram utilizadas as categorias de análise da realidade concreta de Milton Santos (2000) de perversidade, fabulação e possibilidades.

No campo da perversidade, o estudo revela as trincheiras encontradas nos mercados de atuação e como as violências são reproduzidas; nas fabulações, denuncia-se o mito da democracia racial, o ideal de vitimismo e a colonialidade dos instrumentos midiáticos e tecnológicos para operacionalização das violências; e por último, o que os sujeitos de pesquisa estão desenvolvendo para intervir diretamente nas violências interseccionais contra sua comunidade.

## 2 TRINCHEIRAS DO MERCADO MIDIÁTICO E TECNOLÓGICO E A REPRODUÇÃO DE VIOLÊNCIAS CONTRA PESSOAS NEGRAS

O primeiro aspecto que precisa ser evidenciado a respeito do comportamento dos mercados midiáticos e tecnológicos com as pautas que envolvem diversidade, especificamente nas questões étnico-raciais e de gênero e sexualidade, é que ambos reproduzem o ideal de violências que fundamentou a construção deste país.

Os corpos referenciados, encontram-se até hoje em encruzilhadas<sup>1</sup> que envolvem preconceito, discriminação e racismo, por conta de entraves que foram construídos para suas comunidades, que são frutos de um passado histórico de colonização, escravização, subalternização e a escassez de políticas públicas que encarrarem essas perversidades com profundidade.

---

<sup>1</sup> Termo e contexto utilizado por Rufino (2019) para nomear as experiências de pessoas negras com os setores do Estado.

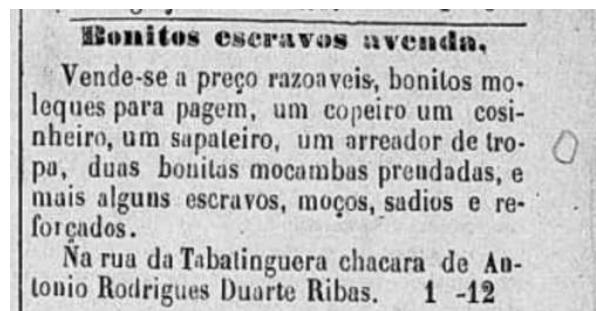
Nogueira (2020) aponta que este tipo de comportamento historicamente reproduzido pelos conjuntos hegemônicos, tem como principal objetivo garantir a manutenção do poder em suas mãos. Argumenta que:

A colonialidade do poder hierarquiza, classifica, oculta, segrega, silencia e apaga tudo que for do outro ou tudo que oferecer perigo à manutenção do *status quo*, garantindo a perpetuação da estrutura social de dominação, protegendo seus privilégios e os de sua descendência e cristalizando as estruturas do poder oligárquico. (NOGUEIRA, 2020, p. 55)

Com o processo de redemocratização do Brasil, tímidos avanços foram identificados para intervir nas estruturas de violências contra população negra, todavia, não foram suficientes para garantir que sua representação dentro dos ambientes midiáticos esteja longe das concepções de estereótipos e discriminação.

Dentro dos preceitos éticos, hoje é inadmissível que os veículos de comunicação e os aparatos tecnológicos retratem a população negra, como era possível observar nos primeiros jornais em circulação no Brasil, onde esses sujeitos eram representados como mercadorias.

**Figura 1:** Revisitando anúncios de escravos do século XIX



Fonte: jornal Vice- <https://www.vice.com/pt/article/8x53y3/revisitando-anuncios-de-escravos-do-seculo-19>

Na contemporaneidade, novas formas de operacionalização destas violências foram conduzidas, onde no campo midiático temos o ideal de apagamento, responsável por fazer com que pessoas negras e as pautas que envolvem sua comunidade não tenham visibilidade; racismo recreativo <sup>2</sup>, que cria fabulações sobre o comportamento e as competências de pessoas negras e hipersexualização, que reduz o corpo negro a objeto sexual.

Um exemplo de materialização destes conceitos sociológicos, é o estudo “Todxs- 9º onda” <sup>3</sup> realizado pela agência Heads em parceria com ONU Mulheres, que revela que mesmo a população negra ocupando mais de 50% da população brasileira, ainda assim sua representação como coadjuvantes nos produtos midiáticos ocupa posição de 49%.

<sup>2</sup> Moreira (2019)

<sup>3</sup> [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2021/04/UA\\_TODXS9\\_Final-PORT.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2021/04/UA_TODXS9_Final-PORT.pdf)

Outro dado alarmante trazido pela pesquisa, é o reforço do ideal de beleza pautado no eurocentrismo, onde temos como padrão de beleza feminino no país, 63% das representações baseadas na imagem de uma “mulher branca, magra, com curvas, cabelos lisos e castanhos”.

No campo da tecnologia, a realidade não é muito diferente. Além de ser um setor de trabalho composto majoritariamente por pessoas brancas, o que traduz o cenário de desigualdades sociais herdados pela escravidão e a inexistência de reparação histórica para esses sujeitos, existe uma programação algorítmica completamente tendenciosa, que tem como principal objetivo conservar o plano de fundo de violências contra essas populações.

Os sistemas passam a saber como identificar rostos, objetos e contextos nas imagens através do que é chamado de “aprendizado de máquina” (machine learning), um campo da inteligência artificial restrita que trata do reconhecimento de padrões através de uma base de dados e posterior aplicação do aprendizado no reconhecimento das variáveis em outras unidades ou conjuntos de dados (Oliveira, 2018). No caso da visão computacional, trata-se de “treinar” o sistema alimentando-o com um número relevante de imagens já marcadas (por ex: centenas de imagens da classe “cachorro”; centenas de imagens de uma raça específica e assim por diante) para que o software “entenda” novas imagens que não foram anteriormente vistas. (SILVA, 2020, p. 434).

Por conta das fabulações desenvolvidas, é comum consumir produtos midiáticos e ter a sensação de que esses desafios foram superados, principalmente pela utilização de corpos negros em situações específicas, a este fenômeno, damos o nome de representação. Contudo, há de se questionar quais são os papéis realizados por esses sujeitos e o quanto este fenômeno contribui para manutenção de estereótipos, cobrando além da representação, uma representatividade que contemple os aspectos sociais, culturais e comportamentais, longe dos estereótipos.

Mais uma vez, os estereótipos presentes em piadas e brincadeiras racistas reproduzem imagens negativas que foram utilizadas na nossa história para legitimar a opressão de minorias raciais. Eles possuem um elemento comum a todas as ideologias criadas neste país para excluir negros e indígenas: a noção de que membros desses segmentos não são atores sociais competentes. (MOREIRA, 2019, p.64)

Com base nas reflexões realizadas por Moreira 2019, abre-se um novo precedente de análise sobre essas questões, que passam pelas narrativas de fabulações que foram criadas nos estudos da intersecção entre mídia, tecnologia e questões raciais. É fundamental um aprofundamento teórico nesta perspectiva de análise, para que seja possível realizar um mapeamento de quais foram os instrumentos utilizados pela hegemonia para criação dos entraves na superação das violências contra população negra dentro da mídia e da tecnologia, tal análise será realizada com o objetivo de conduzir estudos e operacionalização técnica por parte dos sujeitos de pesquisa para o enfrentamento às violências.

Sendo assim, delimita-se como campo de continuidade do estudo, a forma com que os estereótipos produzidos pela mídia e pela tecnologia atuam como instrumento de contenção do protesto negro e atrasam a criação de narrativas de possibilidades de subversão do *status quo* desses setores que foram findados por meio do comportamento racista da sociedade brasileira.

### 3 DEMOCRACIA RACIAL, IDEAL DE VITIMISMO E COLONIALIDADE DOS INSTRUMENTOS MIDIÁTICOS E TECNOLÓGICOS PARA MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS NO BRASIL

Como segunda perspectiva de estudo, é importante refletir sobre três fenômenos sociais, que fundamentam a operacionalização dos estereótipos que historicamente contribuem para contenção do pertencimento étnico racial das pessoas negras, assim como a construção de narrativas de possibilidades para sua comunidade. Sendo assim delimita-se o ideal de democracia racial que nunca existiu efetivamente no Brasil, a deslegitimação da pauta por meio do discurso do vitimismo e a construção do colonialismo dos instrumentos midiáticos e tecnológicos por pessoas brancas. Além de colaborar com uma reflexão teórica, será possível constatar casos reais de como o contexto histórico de violências atinge pessoas negras até hoje.

O Brasil é mundialmente reconhecido pela sua diversidade étnica e também pela relativização dos conflitos raciais por não existir um apartheid explícito entre os grupos sociais.

Enquanto em alguns países do mundo, temos uma divisão do espaço urbano entre geolocalizações exclusivamente negras e brancas, como no caso dos Estados Unidos, por aqui existe uma falsa impressão de que todos convivem harmonicamente, uma vez que somos um país gerado pela miscigenação entre indígenas, negros e brancos.

Em um primeiro momento, é importante destacar que o processo de miscigenação no Brasil, não deve ser analisado sobre uma perspectiva positiva, uma vez que esta ação está baseada na violência sexual de mulheres negras e indígenas, assim como um ideal eugenista de branqueamento da população brasileira. Gevanilda Santos (2009) afirma que este tipo de argumento é responsável por reforçar na cabeça do brasileiro, que mesmo que a miscigenação tenha sido um processo violento contra a população negra, era necessária para o bem e desenvolvimento da nação.

O pressuposto ideológico dessa concepção era de que a relação racial brasileira ocorreu sem conflitos, fato esse que estimulou a assimilação e a troca cultural. Disso depreendia-se que a miscigenação era algo desejável por todos os brasileiros. (SANTOS, 2009, p.50)

A partir do ideal da miscigenação, cria-se a fabulação de que com o fim das diferenças entre negros e brancos, teríamos um cenário ideal de democracia racial entre todos os povos, ou seja, não existiriam mais violências causadas pelos marcadores étnicos e raciais, pois com a abolição da escravatura e o fim das diferenças fenóticas entre negros e brancos, todos teriam as mesmas oportunidades. Se levado ao pé da letra, o que justifica os altos índices de pessoas negras no sistema carcerário, evasão escolar, violência policial e vulnerabilidade social. Sendo assim desvenda-se o real objetivo deste sistema de fabulações:

Então qual é a função política do mito da democracia racial? Subalternizar a população negra, na medida em que inferioriza e fragmenta a identidade étnico racial e impede os protestos por direitos e mobilidade social ascendente. (SANTOS, 2009, p.51)

Com a criação deste cenário, fica mais simples entender os motivos pelos quais a hegemonia branca brasileira, deslegitima as reivindicações do movimento negro por reparação histórica e a exigência por representatividade. Ora, se realmente vivemos em um país calcado no ideal de democracia racial, onde todos têm as mesmas oportunidades, por qual motivo seria necessário investir em mecanismos para o desenvolvimento de políticas públicas para população negra, assim como a criação de dispositivos para garantir o fim das violências raciais dentro dos instrumentos da superestrutura.

Ao analisar os acontecimentos históricos de deslegitimação dos protestos sociais contra violência no Brasil, Teles (2018) afirma:

Nossa hipótese é a de que certos regimes de produção de subjetividades binárias e antagônicas, aliados às condições históricas de dominação, implicam o fortalecimento e incremento de estratégias e tecnologias de controle social. Diante de uma sociedade racista, patriarcal e etnocida, estruturada para favorecer os proprietários e as velhas oligarquias, experimenta-se modos de anular ou destruir qualquer prática de resistência. (TELES, 2018, p. 66)

Como resultado da soma mito da democracia racial e deslegitimação da do protesto negro, temos o colonialismo dos instrumentos estatais, midiáticos e tecnológicos. O colonialismo pode ser delimitado como sistema de imposição de autoridade de uma cultura sobre a outra, esse ideal é sustentado pela concepção de etnocentrismo, ou seja, o julgamento irracional da supremacia.

A materialização do colonialismo dentro dos aparatos midiáticos e tecnológicos brasileiros, pode ser identificado por meio do fenômeno dos privilégios políticos de grandes grupos, que proporcionaram uma agenda de monopólios, onde prevalece o discurso único, a quebra da diversidade de pautas, assim como a perpetuação de um agendamento midiático que promove a valorização da cultura branca em detrimento de um lócus de violências contra população negra.

Com frequência, é possível observar poucos espaços para pessoas negras dentro dos veículos, pautas extremamente estereotipadas para sua comunidade, e no ramo da tecnologia, diversos dispositivos que irão reproduzir esses estereótipos.

No mês de dezembro do ano de 2022, veio a público que uma foto do influenciador, palestrante e estudante de ciências sociais Thiago Torres (mais conhecido como Chavoso da USP) estava incluída no banco de reconhecimento facial da Polícia Civil como suspeito em um inquérito policial que investiga um caso de sequestro na cidade de São Paulo<sup>4</sup>.

Casos como este, demonstram que as fabulações da superação das violências raciais contra a população negra na mídia e na tecnologia não foram liquidadas. Vale destacar, que embora diversas narrativas de perversidade e fabulação envolvem o cotidiano desses sujeitos, durante toda história essas populações se organizaram para desenvolver mecanismos de enfrentamento e superação das violências interseccionais. A partir de então, o objetivo do estudo é demonstrar os arranjos produtivos de pessoas negras para o enfrentamento ao lócus de perversidade construído pela sociedade brasileira.

#### 4 AS MANIFESTAÇÕES DE RESISTÊNCIA NEGRA PARA SUPERAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS INTERSECCIONAIS NO CAMPO DA MÍDIA E DA TECNOLOGIA NO BRASIL

Antes de iniciar as reflexões no campo das possibilidades engenhadas pela população negra brasileira para intervenção das violências raciais nos campos da mídia e da tecnologia, é imprescindível reforçar que sempre houve resistência desses sujeitos desde a gênese do Brasil.

No campo da história, temos uma série de mobilizações registradas, que demonstram o quanto esses sujeitos estiveram empenhados em denunciar e superar essa realidade de violência e necropolítica<sup>5</sup> que fora designada para sua comunidade.

A primeira manifestação de resistência da população negra inicia-se ainda no trajeto das embarcações que se dirigiam ao continente africano para dominação de negros com o intuito de torná-los escravizados, assim como os longos trajetos que levavam esses recém escravizados para as colônias. Em ambos os casos, a manifestação de resistência, era o suicídio, esses sujeitos não aceitavam o fato de serem tirados de suas terras para servir de escravizados em outros territórios e encontravam na morte uma forma de se livrar desta condição.

04 <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/22/chavoso-da-usp-tem-foto-colocada-em-album-de-reconhecimento-de-suspeitos-da-policia-civil-surpreso-e-sem-entender-diz-estudante.ghml>

05 Conceito discutido pelo filósofo camaronês Achille Mbembe e baseia-se na perspectiva de que no Brasil, existem vidas que valem mais e outras que valem menos. Em sua teoria, a redução da humanidade encontra-se majoritariamente em pessoas negras.

Os negros escravizados que chegavam nas colônias, também desenvolveram formas de organização e resistência para poder sobreviver às condições desumanas da escravidão, a essas organizações damos o nome de Quilombos.

Outro mecanismo de enfrentamento que também contribuiu na realização das primeiras denúncias das condições do sistema escravista e serve até hoje de fontes para pesquisas históricas sobre esse período do país, é a imprensa negra, elemento que irei fundamentar como campo de possibilidade para negras e negros como forma de enfrentamento as violências interseccionais.

A origem da imprensa negra é datada no período pós abolição da escravatura e tinha como objetivo oferecer aos comunicadores negros e para população negra recém letrada, uma atuação ativa no combate à discriminação racial na sociedade que estava acabando de se reconstruir depois de um longo período de escravização. Entre as pautas mais recorrentes desses produtos, estavam os grandes feitos de lideranças negras, divulgação de eventos para discutir os estabelecimentos de direitos democráticos para população negra, assim como valorização de produções artísticas de pessoas negras, elementos que não eram evidenciados nas publicações da imprensa tradicional.

Como é possível observar, a imprensa negra foi um importante instrumento para essa população, não apenas por questões voltadas à visibilidade, mas também como os primórdios de uma reflexão mais aprofundada sobre os cenários de violência aos quais estavam submetidos. Andrade, 2017 pontua que:

Pensar no desenvolvimento da comunicação, é entender seu papel fundamental no fortalecimento da democracia e no desenvolvimento das nações por meio das denúncias e estímulos de debates que tenham como tema as violações e a garantia dos direitos humanos. Por isso é importante lutar por uma imprensa negra e garantir o protagonismo negro nos veículos de comunicação. É necessário a presença de todos para construir um Estado Democrático de Direitos. (Andrade, 2017, p. 64)

O que é importante de analisar desses produtos, é que até hoje sua manifestação se faz necessária e na contemporaneidade os sujeitos de pesquisa enxergam neste dispositivo histórico uma forma de subverter os dois eixos centrais do problema discutido neste artigo: as trincheiras nos mercados, assim como a quebra do mito da democracia racial, deslegitimação de suas reivindicações e a colonialidade dos veículos.

Ainda utilizando das reflexões de Andrade (2017), considera-se que:

Recentemente, a imprensa negra atua na organização de comissões de jornalistas negros que buscam espaço para atuar e ser representado na mídia, sem estar associado aos estereótipos que descendem da época colonial. Cabe destacar que estudar, compreender e apoiar o fortalecimento da imprensa negra pode representar uma maneira de dar visibilidade para os negros



na mídia, e abrir oportunidades para os profissionais de comunicação negros que estão saindo das universidades. (Andrade, 2017, p.61)

O que é importante de analisar desses produtos, é que até hoje sua manifestação se faz necessária e na contemporaneidade os sujeitos de pesquisa enxergam neste dispositivo histórico uma forma de subverter os dois eixos centrais do problema discutido neste artigo: as trincheiras nos mercados, assim como a quebra do mito da democracia racial, deslegitimação de suas reivindicações e a colonialidade dos veículos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o contexto histórico do país no que se diz respeito às estruturas de violências contra população negra, nos ajuda compreender a forma como os instrumentos da superestrutura do Estado federativo brasileiro se comporta e quais são as iniciativas desenvolvidas por esses grupos para ter assegurado um dos principais direitos humanos, que é permanecer vivo e ter dignidade em sua trajetória de vida.

A organização de pessoas negras no Brasil, principalmente nos eixos de luta pela garantia de direitos, é responsável por nos ensinar que embora existam narrativas de perversidade e fabulação, ainda assim é possível alcançar um horizonte de possibilidade, que não pode estar desvinculado de uma crítica consistente de como a mídia e a tecnologia podem incentivar as narrativas de violência contra população negra.

Ainda que a contribuição deste artigo esteja mais voltada para o campo midiático do que na operacionalização das tecnologias, fica como reflexão que ainda existem muitos campos para desbravar, e como apontado no texto, inicialmente é necessário intervir diretamente no repertório cultural do brasileiro, para quebra dos ideais de racismo, preconceito e discriminação, uma vez que tanto a mídia como a tecnologia dependem da programação e humana, que está repleta e ideologias.

Incentivar e valorizar a produção e veiculação das iniciativas da população negra brasileira para o combate às violências, é uma forma de avançar nos princípios democráticos, assim como caminhar para um cenário de reparação histórica para esses povos que durante muito tempo sofreram com a violência. Cabe destacar, que embora essas produções sejam traduzidas como narrativas de possibilidades da própria comunidade negra, é imprescindível que toda sociedade esteja junta neste movimento

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- ANDRADE, Alan Tomaz de. *A ausência de representatividade negra na mídia brasileira: Herança histórica, racismo e luta pela desconstrução de estereótipos*. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdades Integradas de Jaú. São Paulo: Jaú, p.78. 2017.
- GALLEGO, Esther Solano (org). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Pulo: Boitempo, 2018.
- MBEMBE, Achille. *Necropolitics*. Public Culture (Duke), v. 15-1, p. 11-40, 2003
- MOURA, Clovis. *Estratégia do imobilismo social contra o negro no mercado de trabalho*. São Paulo: revista São Paulo em perspectiva, 2: 44-46, 1988.
- MOREIRA, Adilson. *Racismo Recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância Religiosa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SANTOS, Gevanilda Santos. *Relações raciais e desigualdades no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- SHINAR, D. *Mídia democrática e jornalismo voltado para a paz*. Líbero- Ano XI- nº 21- Jun 2008.
- SILVA, Tarcízio da. *Visão computacional e racismo algorítmico: branquitude e opacidade no aprendizado de máquina*. Revista ABPN. V. 12, n 31. dez 2019 – fev 2020, p. 428-448. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/339514173\\_Visao\\_Computacional\\_e\\_Racismo\\_Algoritmico\\_Branquitude\\_e\\_Opacidade\\_no\\_Aprendizado\\_de\\_Maquina](https://www.researchgate.net/publication/339514173_Visao_Computacional_e_Racismo_Algoritmico_Branquitude_e_Opacidade_no_Aprendizado_de_Maquina) > Acesso em: dez, 2022.
- SILVA, Tarcízio da. Teoria racial crítica e comunicação digital: conexões contra dupla opacidade. In: POLIVANOV, B; ARAUJO, W; OLIVEIRA, C.C.G; SILVA, T (orgs). Fluxos e redes sociotécnicas: das micronarrativas ao big data. São Paulo: INTERCOM, 2019.
- SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro. Leya, 2017.
- WEBER, Max. *A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais*. Tradução Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2006.